

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA



OS CULPADOS PELA MORTE DE JESUS

CIC 597-599



597. Tendo em conta a complexidade histórica do processo de Jesus, manifestada nas narrativas evangélicas, e qualquer que tenha sido o pecado pessoal dos intervenientes no processo (Judas, o Sinédrio, Pilatos), que só Deus conhece, não se pode atribuir a responsabilidade do mesmo ao conjunto dos judeus de Jerusalém, apesar da gritaria duma multidão manipulada e das censuras globais contidas nos apelos à conversão, depois do Pentecostes. O próprio Jesus, perdoando na cruz e Pedro a seu exemplo, apelaram para «a ignorância» dos judeus de Jerusalém e mesmo dos seus chefes. Menos ainda é possível estender a responsabilidade ao conjunto dos judeus no espaço e no tempo, a partir do grito do povo: «Que o seu sangue caia sobre nós e sobre os nossos filhos» (Mt 27, 25), que é uma fórmula de ratificação:



Por isso, a Igreja declarou no II Concílio do Vaticano: «Não se pode, todavia, imputar indistintamente a todos os judeus que então viviam, nem aos judeus do nosso tempo, o que na sua paixão se perpetrou. [...] Nem por isso os judeus devem ser apresentados como reprovados por Deus e malditos, como se tal coisa se concluísse da Sagrada Escritura».



TODOS OS PECADORES FORAM AUTORES DA PAIXÃO DE CRISTO

598. A Igreja, no magistério da sua fé e no testemunho dos seus santos, nunca esqueceu que «os pecadores é que foram os autores, e como que os instrumentos, de todos os sofrimentos que o divino Redentor suportou». Partindo do princípio de que os nossos pecados atingem Cristo em pessoa, a Igreja não hesita em imputar aos cristãos a mais grave responsabilidade no suplício de Jesus, responsabilidade que eles muitas vezes imputaram unicamente aos judeus:



«Devemos ter como culpados deste horrível crime os que continuam a recair nos seus pecados. Porque foram os nossos crimes que fizeram nosso Senhor Jesus Cristo suportar o suplício da cruz, é evidente que aqueles que mergulham na desordem e no mal crucificam de novo em seu coração, tanto quanto deles depende, o Filho de Deus, pelos seus pecados, expondo-O à ignomínia. E temos de reconhecer: o nosso crime, neste caso, é maior que o dos judeus. Porque eles, como afirma o Apóstolo, «se tivessem conhecido a Sabedoria de Deus, não leriam crucificado o Senhor da glória» (1 Cor 2, 8); ao passo que nós, pelo contrário, fazemos profissão de O conhecer. e, quando O renegamos pelos nossos actos, de certo modo levantamos contra Ele as nossas mãos assassinas» .



«Não foram os demónios que O pregaram na cruz, mas tu com eles O crucificaste, e ainda agora O crucificas quando te deleitas nos vícios e pecados» .

JESUS ENTREGUE, SEGUNDO O DESÍGNIO DETERMINADO DE DEUS

599. A morte violenta de Jesus não foi fruto do acaso, nem coincidência infeliz de circunstâncias várias. Faz parte do mistério do desígnio de Deus, como Pedro explica aos judeus de Jerusalém, logo no seu primeiro discurso no dia de Pentecostes: «Depois de entregue, segundo o desígnio determinado e a previsão de Deus» (Act 2, 23). Esta linguagem bíblica não significa que os que «entregaram Jesus» foram simples actores passivos dum drama previamente escrito por Deus.



Assim, os parágrafos 597 a 599 nos ensinam três coisas fundamentais: não devemos atribuir uma culpa coletiva aos judeus; devemos reconhecer a responsabilidade real das pessoas que participaram da condenação de Jesus; e, acima de tudo, devemos compreender que a Cruz está inserida no plano de salvação de Deus e está diretamente relacionada ao pecado de toda a humanidade.

A Cruz, portanto, não deve ser utilizada para procurar um povo culpado. Ela deve ser contemplada como o lugar onde o pecado humano encontra a misericórdia de Deus e onde Cristo, livremente, entrega sua vida pela nossa salvação.

